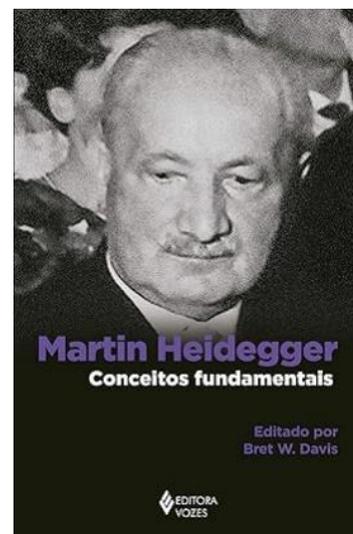


## RESENHA



DAVIS, B. W. (Ed.). *Martin Heidegger: Conceitos fundamentais*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis Vozes, 2021.

127

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE<sup>1</sup>

Editou-se no Brasil, não faz tanto, *Martin Heidegger: Conceitos Fundamentais*, com organização do articulista estadunidense Bret W. Davis. O livro, que já não passava despercebido ao leitor acadêmico especializado, dado às suas edições em inglês, na década de 2010, por duas casas publicadoras de filosofia naquela língua (primeiro a Acumen e depois a vultosa Routledge), pode ser agora também conferido em português em outra gigante do ramo, a Editora Vozes, de Petrópolis. Apesar de transcorrido um pouco mais de três anos da colação brasileira, uma resenha ainda é cabida para que se dê o devido relevo à oportunidade, qualidade e contribuição do título.

Integrando a coleção *Conceitos Fundamentais*, o título (originalmente *Martin Heidegger - Key Concepts*) pretende apresentação da filosofia de Heidegger a partir de seus conceitos. Uma introdução à filosofia de Heidegger? Não, se compreendermos por introdução um empreendimento didático-manualesco. Reunindo estudiosos de países como Alemanha, Estados Unidos, Suécia, Holanda e Geórgia, o livro oferece

---

<sup>1</sup> E-mail: [kahlmeyermertens@gmail.com](mailto:kahlmeyermertens@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>.

textos que dão certamente um painel de algumas das principais ideias heideggerianas nas fases mais diversas de seu pensamento, apresentadas por autores, dentre os quais estão autoridades quando se trata dos estudos sobre Heidegger. A julgar pelo alto nível geral, é de se estimar que os textos ali consignados (considerando que alguns desses autores escrevem, com a mesma habilidade, tanto textos simples e bons, quanto os de grau mais elevado) não correspondam tão somente ao introdutório. Essa impressão do leitor que primeiro se lançou nos capítulos para só então ir aos aparatos introdutórios é confirmada pelo organizador ao indicar que:

[...] este volume foi concebido com a intenção de preencher a lacuna entre esses dois níveis [o básico, introdutório e o avançado, especializado]. Os capítulos destinam-se a explicar os conceitos-chave do pensamento de Heidegger de uma maneira que seja *ao mesmo tempo rigorosa e acessível*. A única forma de fazê-lo, em minha opinião, é que alguns dos melhores estudiosos da área, os quais todos publicaram no mais alto nível de erudição, estejam dispostos a dar um passo atrás e tentar articular, de forma clara e concisa, com referências textuais amplas e precisas, sua compreensão dos conceitos-chave de suas respectivas áreas de especialização (p. 11).

É preciso dizer, a bem da verdade, que embora se fale aqui dos “melhores estudiosos da área” e do “mais alto nível de erudição”, seria forçoso indicar que todos seriam autores notáveis nos estudos internacionais de Heidegger. Se temos ali figuras como Theodor Kisiel, Günter Figal e mesmo autores reconhecidos de uma geração posterior, como, Thomas Sheehan, Daniel O. Dahlstrom e Charles Bambach, há quem não seja tão conhecido nesse cenário ou mesmo nos Estados Unidos. É o caso do próprio Brett W. Davis que, a frente do grupo de pesquisa em filosofia da universidade de Loyola Maryland, notifica (no texto de agradecimento que faz vez de prefácio) que além de convidados integrantes de grupos ligados em rede de pesquisa, outros no livro são apenas membros de seu grupo na mencionada universidade (p. 12). Ressalta-se que, apesar disso, nosso comentário não pretende menosprezar a qualidade do trabalho desses autores.

Apesar da proposta de se ler Heidegger a partir de seus conceitos, para os quais, em cada caso, confluem temas e questões do filósofo, a disposição dos conceitos-tema, no arranjo da obra, permite-nos entrever ordem que contempla à cronologia (impressão novamente ratificada pelo organizador, no capítulo de introdução que assina): “Juntos os capítulos cobrem toda a gama do seu processo de pensamento em seus períodos inicial, intermediário e posterior” (p. 17). Mesmo um correr de olhos pelo sumário nos permite divisar temas agrupáveis em épocas desse pensamento, assim: o projeto de juventude da hermenêutica da facticidade, a relação de Heidegger com a fenomenologia husserliana; o ser-aí, já no contexto da obra *Ser e tempo*, conceitos deste como cuidado, autenticidade, tempo; os contextos de transição como a assim chamada virada, a intuição de uma política originária; meditações adiantadas como as da obra de arte, do acontecimento apropriador, da história do seer, a técnica-moderna em sua essência de *Gestell* e da serenidade e, enfim, a fase na qual a linguagem e a

poesia são temas de interesse. É verdade que essa estimativa cronológica não é de todo perfeita, já que, entre os três capítulos finais, referentes à assim chamada “quadratura” de *homens-deuses-terra-mundo*, assim como o tema dos deuses e das preocupações teológicas do pensamento de Heidegger (que correspondem predominantemente ainda aos anos de 1930), figuram posteriormente a outros de sua filosofia tardia (décadas de 1940-50).

O livro começa com “Hermenêutica da facticidade” (p. 37-58), de Theodore Kisiel, capítulo que trata do tema já nomeado no título; projeto filosófico heideggeriano dos anos de 1920, que indica que a própria vida fática que somos efetuaríamos uma tomada de compreensão de si mesma em seus contextos de mundo. Kisiel, que é autor de obras mais alentadas nas quais trata o tema de maneira exaustiva, nesse momento, apresenta o tema num escrito breve. Ali, vê-se o projeto em seus termos programáticos e em sua intuição primeira (como herança que Heidegger recebe de Dilthey), bem como oferece detalhes da formulação do tema da vida fática e das especificidades dos conceitos de fático e de facticidade. O capítulo, possui ainda tópico dedicado ao conceito de “ruína” (*Ruinanz*), estado mediano no qual a vida fática, no início e na maioria das vezes, está; também tópico sobre a facticidade e sobre o conceito de *indicação formal*. Apesar de Kisiel pontificar como um intérprete destacado da filosofia heideggeriana, é possível notar, também aqui, o quanto sua leitura de Heidegger é matizada por um acento kantiano, tendência que pode resultar problemática, por exemplo, quando o comentador sustenta que o conceito de mundo de Heidegger seria devedor de uma concepção fundamentalmente kantiana.

Esse primeiro estudo é sucedido por outro: “Fenomenologia – Heidegger depois de Husserl e dos gregos”, de Günter Figal (p. 59-72). Neste importante capítulo de Figal (influente estudioso de Heidegger que nos deixou no início deste ano),<sup>2</sup> temos uma apresentação da filosofia de Heidegger frente a Husserl e aos gregos. Sem nunca deixar de reconhecer a influência da fenomenologia de Husserl na de Heidegger, presenciamos, especialmente aqui, uma interpretação mais atenuada de Figal quanto a obra de Heidegger (especialmente *Ser e tempo*) ter nascido de um trabalho de apropriação detida nos gregos, nesse caso, Aristóteles. Desde a contestação de Crown,<sup>3</sup> Figal viu-se obrigado a deixar de sustentar essa leitura, datada da década de 1990, para acolher mais francamente o quão profundo é o influxo de Husserl nessa obra filosófica até às vésperas de 1930. Um pouco dessa nova conduta é o que temos no capítulo em apreço. Abordando temas como a universalização da fenomenologia pela mão de Heidegger, o desencobrimento como *alethéia* e *physis* e o que, com termos muito heideggerianos, chamou de tarefa do pensamento a luz do conceito de “clareira” (*Lichtung*), Figal nos oferece um lícido painel do quanto essas duas matrizes do pensamento heideggeriano – fenomenologia e filosofia grega – se apresentam.

Outro capítulo merecedor de nossa atenção no livro é: “A verdade como *alethéia* e a clareira do ser” (p. 166-181), de Daniel O. Dahlstrom. Este é autor de qualificado livro (Dahlstrom, 2009) que denota uma leitura verdadeiramente especializada sobre

<sup>2</sup> No início do ano de 2024, meses antes de esta resenha ter sido submetida ao periódico.

<sup>3</sup> Esse debate é o que se vê em Crowell (2014) e em Figal (2014).

o tema da verdade em Heidegger. Nesse, o autor oferece antítese à crítica que Ernest Tugendhat faz a Heidegger, quanto a seu pensamento não dar conta da *falsidade* enquanto antítese do que se dá na *alethéia*. Apesar de uma interpretação transcendental de Heidegger devedora de Kant, com todos os problemas que isso implica (por exemplo, a atribuição de Heidegger não transigir mais com a polaridade imanência/transcendência), sua interpretação é importante no meio anglo-saxão, enriquecendo o debate entre a filosofia de Heidegger e a filosofia analítica e da própria interpretação de Heidegger.

O livro ainda reúne (não necessariamente na ordem de nosso elenco subsequente) escritos de autores menos conhecidos na cena brasileira, é o caso de: “O *Dasein* como ser-no-mundo”, de Timothy Stapleton (p. 73-89), escrito hábil acerca da correspondência imediata entre esses dois conceitos, afinal todo ser-aí é em mundo e, enquanto tal, todo “aí” constitui um mundo fático específico; “Cuidado e autenticidade”, de Charles E. Scott (p. 90-104), tocando em dois temas relevantes à filosofia existencial de Heidegger e, portanto, úteis a pesquisadores sobre os temas; “Heidegger, o nacional socialismo e o povo alemão”, de Charles Bambach (p. 148-165), mais um texto a requestrar a polêmica sobre a simpatia equívoca e datada do filósofo pelo nazismo e que insiste em ver posições filosóficas nesse infeliz envolvimento. “A obra de arte”, de Jonathan Dronsfeld (p. 182-195), e “Linguagem e poesia”, de John T. Lysaker (p. 267-282), referenciam a dimensão, por assim dizer “estética” do pensamento de Heidegger. Coloca-se estética entre aspas aqui pois, tal como se sabe, o interesse de Heidegger, a rigor, não é estético ou calístico, mas arte e poesia são pensadas como modos de expressão do próprio ser pensado como “acontecimento apropriador”. Não é por acaso que esses temas referentes às artes cheguem na ordem de disposição dos capítulos do livro após o que trata de “A virada”, de Thomas Sheehan (p. 123-147), “*Ereignis* – O evento de apropriação” (p. 197-214) e “História do ser”, de Peter Warnek (p. 197-214), dedicados a pensar não apenas o rearranjo dos temas na filosofia de Heidegger após a conhecida virada (*Kehre*), operada nos anos de 1930, quanto o papel fundante que o acontecimento apropriador desempenha nessa nova fase madura do pensamento de Heidegger. Acompanham essa temática do pensamento avançado de nosso filósofo os capítulos “*Gestell* – O enquadramento como tendência de tecnologia”, de Hans Ruin; “O quádruplo”, de autoria de Andrew J. Mitchell; e “A ontoteologia e a questão do(s) deus(es)”, de Bem Veddar (p. 297-322); além de dois capítulos assinados pelo próprio Brett W. Davis, que também responde pela organização da coletânea e pela introdução subtitulada: “Correntes-chave do pensamento de Heidegger, sobre o ser” (p. 17-35), aparato que oferece em prospecção também com feição de capítulo. Conteúdos necessários para o leitor prosseguir na leitura; são eles, respectivamente: “Vontade e *Gelassenheit*” (p. 232-250) e “Heidegger e o cristianismo da divindade” (p. 345-354).

130

Apesar de devermos ser sempre gratos ao trabalho dos tradutores (profissionais que viabilizam ou, pelo menos, facilitam o acesso a textos de língua estrangeira, sendo, por isso mesmo, atores que nos beneficiam, por exemplo, ao lermos o compêndio de Brett W. Davis em português), uma nota sobre a tradução é digna de registro. Embora traduzido de forma límpida, em texto fluído, sem que se identifique dificuldades na

## RESENHA

DAVIS, B. W. (Ed.). *Martin Heidegger: Conceitos fundamentais*.

reconstrução sintática de uma versão a outra (o que só comprova a habilidade do tradutor brasileiro), como em toda tradução, também esta possui suas arestas. Uma vez efetuada a partir do inglês, os termos são vertidos desde esta língua e, portanto, devendo as traduções e interpretações de Heidegger nessa língua. Nesse caso, o tradutor brasileiro deixou de observar as opções de tradução disponíveis ao português feitas diretas da língua com que Heidegger expressou suas ideias. Diz-se isso, pois há opções já consolidadas no caldo de cultura dos estudos luso-brasileiros de Heidegger. Nessas opções (embora nem sempre sejam unânimes), é possível identificar cânon que vem sendo firmado desde as primeiras traduções de Heidegger em nosso país, datadas da década de 1960. Tais escolhas, testadas e comprovadas, são preferidas por alinharem-se aos esforços de fazer Heidegger falar em português, favorecendo sentido e a significação dos conceitos enfocados.

É o caso da palavra *Seyn*, que, uma vez traduzido como “ser”, obscurece o sentido tão específico que o termo possui no Heidegger tardio quando em questão a *Seynsgeschichtlichkeit*. Sendo assim, traduzir *history of being*, por “História do ser”, torna ambíguo o fato de o filósofo, não estar usando o vocábulo alemão *Sein*, traduzível por “ser”, mas utilizar-se daquela palavra do alemão arcaico (*Seyn*), justamente para referir-se ao ontológico em acepção originária; nesse caso, o termo “seer”, resgatado do português medieval, melhor resguardaria essa nuance importante à compreensão do sentido pretendido pelo filósofo, o que melhor resultaria em: *História do seer*.

Os autores e editores de *Martin Heidegger: Conceitos Fundamentais* optaram por conservar o termo *Dasein*, em vez de trazê-lo ao inglês (como usual seria *Being-there* ou sua variante *There-being*); isso tem sido uma alternativa usual. Essa tendência cresceu no Brasil, especialmente depois da tradução de *Ser e tempo*, assinada por Fausto Castilho em 2012 (cf. Referências), e em face do ganho progressivo de clareza do quanto a tradução de tal termo como “pre-sença” é implausível.<sup>4</sup> É preciso lembrar, contudo, que “*Dasein*” é termo alemão e constitui um estrangeirismo no texto em português (bem como no inglês). Havendo a palavra “ser-aí” (registrada em seu uso tanto brasileiro quanto lusitano, que encontra ainda correspondente nas demais línguas latinas), é difícil compreender a relutância contra a expressão. (A crítica nesse caso, ressalte-se, não é cabida à tradução, ela apenas acompanhou os usos dos autores estadunidenses traduzidos).

É discutível a tradução do termo “*Enowning*” como “evento”. No inglês, acompanhando a defectiva tradução de *Contribuições à filosofia* àquela língua (Cf. Referências), o termo perde de vista o fato de “*Ereignis*” dizer tanto respeito a um *acontecimento* quanto a um *ver*, um “ter olhos para o que acontece” (“*Augen*”, palavra alemã designativa de “olhos”, está na semântica do termo alemão). Por isso, “acontecimento apropriador” acabou sendo acatado como tradução de *Ereignis*, a ponto de outras traduções soarem estranhas ao modo de referir-se a tal conceito.

Apesar de a tradução do termo *Gestell* ser disputada, variando aceitavelmente, segundo o contexto, entre “composição” e “armação”, em *Martin Heidegger: Conceitos Fundamentais* (em tradução desde o inglês) esta é tratada, quase que

<sup>4</sup> Veja-se a respeito dessa edição Kahlmeyer-Mertens (2012).

irreconhecivelmente, como “enquadramento”. Algo similar ocorre com *Gevierte*, que admite traduções como “quadratura” e “quadrindade” (usos já consolidados no cânon de tradução à língua portuguesa), na obra em apreço ela aparece traduzida como o “quadruplo”, opção inusual e desnecessária frente ao uso já consolidado. Por fim, angústia (*Angst*), que em alguns casos já fora traduzida de forma errada no Brasil por “temor”,<sup>5</sup> agora conta com outra variável também inadequada, “ansiedade”, por acompanhar a tradução em língua inglesa de “*Anxiety*”. Essas falhas poderiam ser evitadas caso se tivesse consultado a cultura de tradução de Heidegger em vigor.

Os mencionados casos são indicativos do quanto traduzir o texto de um filósofo como Heidegger, mesmo quando se trata de um comentário a sua filosofia, mais do que traduzir uma língua estrangeira é traduzir uma língua filosófica. Acolhamos que essas traduções não chegam a constituir problema aos leitores experientes de Heidegger, mas poderiam desviar do fulcro o leitor iniciante ou o menos familiarizado com a tecnicidade desses conceitos heideggerianos. O que seria indesejável, sobretudo quando se trata de um livro que se anuncia como comentário aos conceitos fundamentais de um pensamento. Portanto, seria aconselhável uma revisão técnica em filosofia ao texto da tradução ao português.

Apesar de esses pontos, dignos da merecida crítica, o livro é bem organizado sob a ordem dos temas e disposição dos capítulos a estes referentes, arranjo que não apenas obedece à cronologia quanto a pertinência entre os assuntos de acordo com a época do pensamento do autor. Apesar de cumprir a proposta de “explicar os conceitos-chave do pensamento de Heidegger de maneira que seja ao mesmo tempo rigorosa e acessível” (p. 11), é inevitável que alguns pontos fiquem de fora do livro. Ao exemplo: A filosofia de Heidegger possui um acento considerável em uma filosofia dos afetos ou, em termos heideggerianos, nas *tonalidades afetivas* (*Stimmungen*); no entanto, conceitos como o *temor* e o *tédio* não são abordados no livro e, a tonalidade afetiva fundamental da *angústia*, quando o é, não se dá num capítulo especialmente dedicado a ela, mas diluída em apreciações secundárias em três textos. O mesmo ocorre com temas como a *diferença ontológica* (que aparece desde as obras de 1920 e vai ganhando centralidade na filosofia dos anos de 1930 e 1940) e o *niilismo*, que apenas é abordado à sombra de temas como metafísica, verdade e divindade, quando mereceria um capítulo exclusivo para ele.

Bem composto, o livro possui, além dos aparatos de introdução e agradecimentos, um índice de abreviaturas de cada autor colaborador, e um índice remissivo (tanto temático quanto onomástico).

## REFERÊNCIAS

BOSS, M. *Angústia, culpa e libertação*. Ensaios de psicanálise existencial. Trad. Barbara Spanoudis. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1988.

CROWELL, S. Günter Figal's Objectivity: From Transcendental to Hermeneutical Phenomenology (and back). In: *Research in Phenomenology*. 2014, n. 44, p. 121-134.

DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's concept of true*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

---

<sup>5</sup> É o que se observa na tradução de Boss (1988).

DAVIS, B. W. (Ed.). *Martin Heidegger: Conceitos fundamentais*. Trad. Fabio Creder. Petrópolis Vozes, 2021.

FIGAL, G. Response to Steven G. Crowell and Daniel O. Dahlstrom. In: *Research in Phenomenology*. 2014, n. 44, p. 135-141.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Contributions to Philosophy (From Enowning)*. Trad. Parvis Emad; Kenneth Maly. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. *Ser e tempo* de Martin Heidegger. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 169–174, 2013. DOI: 10.4013/fsu.2013.142.06. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2013.142.06>. Acesso em: 23 jul. 2024.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S.; SANTOS, G. A. dos. *Befindlichkeit e Stimmung*, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, 2020, v. 9, n. 1, p. 179–194. DOI: 10.12957/ek.2020.49403. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/49403>. Acesso em: 21 mai. 2024.

Submetido: 23 de julho de 2024

Aceito: 18 de agosto de 2024